

Conhecimento Androcêntrico: a Produção Científica no Contexto Patriarcal



Mulheres da Marcha Mundial das Mulheres e do Levante Popular da Juventude uniram-se às mulheres da Universidade Federal do São Francisco (UNIVASF) e realizaram um ato de descomemoração de um ano do hino da Atlético Carranca de Medicina. **Foto:** Larissa Mota Calixto

“Mas o problema é mais profundo que a ocupação de cargos na estrutura do poder hierárquico da Academia. Se buscamos, em uma rápida olhada no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o que se produz em termos de feminismo, gênero e mulher, verificamos que são absolutamente minoritários os grupos que se dedicam ao tema. E isto é preocupante. Por quê? Porque se as universidades, que produzem o conhecimento moderno dentro do nosso esquema de poder, não trabalham o tema de gênero e menos ainda o feminismo, descolonizar o pensamento e promover o devido “giro epistemológico” que é necessário para romper com as estruturas hierárquicas do patriarcado se torna uma tarefa ainda mais difícil.

Desde finais dos anos 1990, algumas mulheres têm lidado com a produção do conhecimento feminista. Muitas delas, senão a maioria, continuam invisíveis para a maior parte dos pesquisadores e pesquisadoras que se cadastram no CNPq. São teóricas feministas como Gloria Anzaldúa, bell hooks, Chela Sandoval, Angela Davis, Ilana Löwy, Donna Haraway, Fox Keller, Londa Schiebinger, Gayatri Spivak, Ochy Curiel, Maria Lugones, Judith Butler... Todas elas se dedicam a criticar a ciência tal como esta é compreendida nos meios acadêmicos. Essas autoras propõem não apenas a mudança da concepção de ciência, mas também a sua episteme, a fim de que as mulheres sejam inseridas como pesquisadoras. Pelo óbvio, a produção de conhecimento é representada e construída de forma hierárquica, e as mulheres ficam invisíveis dentro de um modelo cientificista instalado em um contexto patriarcal. Mas antes disto, ainda nos anos 1960, este conhecimento vem sendo produzido por mulheres feministas negras, indígenas, lésbicas, trans, que escrevem sobre as estruturas de dominação masculina, branca, cisgênera, centrada na Europa e nos EUA, que privilegiam os detentores de propriedade e acumuladores de capital. Todos esses temas estão no fundamento das ciências praticadas nas universidades modernas, mas as obras dessas mulheres não ocupam lugar de destaque dentro da discussão acadêmica. É como se os feminismos, as questões de gênero, fossem temas relacionados tão somente com a atuação de pequenos grupos dos movimentos sociais, como se as produções de saberes feministas e de mulheres fossem de segunda categoria e sem interesse acadêmico” ●

CONFIRA! Mapeamos alguns cursos e pós-graduações em estudos de gênero e feministas

ACESSE

FONTE: O necessário enfrentamento ao machismo nas universidades - por Vanessa Batista Berner e Heloisa Melino para revista Cult <https://revistacult.uol.com.br/home/o-necessario-enfrentamento-ao-machismo-nas-universidades-vanessa-berner-e-heloisa-melino/>

VEJA TAMBÉM: A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI* de Ramón Grosfoguel <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00025.pdf>

Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”, Fabiane Ferreira da Silva e Paula Regina Ribeiro

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132014000200449&script=sci_abstract&lng=pt

Recomendações encontro gênero e ciência destaque: caminhos para equidade

<http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2006/encontro-genero.pdf>